

BOLETIM ECONÔMICO PUC-CAMPINAS**REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS****EDITORIAL**

Em abril, apesar do comércio internacional da RMC continuar se expandindo, os valores estão abaixo do esperado, apontando para o que pode ser um movimento de desaquecimento. Na RMC sete municípios apresentaram redução de exportações, na comparação quadrimestral, e cinco apresentaram diminuição nas suas importações.

Observa-se que o acidente ambiental no Japão esta afetando o fluxo de comércio externo da RMC e que no futuro haverá ainda um impacto significativo, como já se percebe com a retração dos valores importados e exportados pelos municípios com forte presença da indústria automotiva, caso de Sumaré e Indaiatuba.

Nos indicadores macroeconômicos do país observa-se uma queda de 1,2% na produção industrial frente a março. A taxa anualizada mostra trajetória descendente desde outubro do ano passado. Os dados apontam para um desaquecimento da atividade industrial brasileira

A taxa de desemprego medida pelo IBGE manteve-se estável em 6,4%. Enquanto a inflação apresentou variação de 0,77%. Considerando os últimos doze meses, o índice situou-

se em 6,5%, acima da meta fixada pelo BACEN para a taxa de inflação anual para o país.

O Balanço de pagamentos registrou superávit de US\$6,8 bilhões; comparado a igual período do ano passado o crescimento foi de 95%. Assim continua a pressão por valorização do real. A taxa de cambio em abril foi de R\$1,58 por dólar, uma valorização de 4,6% em relação à março. A valorização reflete a alta da taxa de juros na economia brasileira, que o BACEN elevou para 12% na sua última reunião. De acordo com o BACEN, a alta do índice de inflação justifica o aumento dos juros.

Como no mês de maio as atenções se voltam para o Mercado de Trabalho, em função do Dia do Trabalho, este número do Boletim contribui para a reflexão contando com o artigo da Professora Eliane Rosandiski, que discute o uso do trabalho. Para a professora, se a qualificação passa a ser um elemento central, a própria questão da jornada de trabalho tem que ser debatida, de modo a permitir ao empregado trabalhar e se qualificar simultaneamente.

Os editores

NESTA EDIÇÃO**COMÉRCIO EXTERIOR 02**

- Em abril a exportação da RMC aumentou 7,8% e a importação apenas 2,2%.
- A importação foi de 970,4 milhões de dólares, 31,3% maior que em janeiro de 2010.

INDICADORES MACROECONÔMICOS 07**ARTIGO 02**

Perfil da mão-de-obra contratada: uma reflexão para o Dia do Trabalho



COMÉRCIO EXTERIOR NA RMC¹

PROF. ADAUTO RIBEIRO

- Em abril a exportação da RMC aumentou 7,8% e a importação apenas 2,2%.
- No acumulado do ano a exportação apresenta crescimento de 16% e a importação um aumento de 20% em relação ao mesmo período do ano passado.
- Apesar do crescimento das exportações e das importações os dados apontam para o início de um processo de desaquecimento do fluxo de comércio exterior da RMC.

Os valores comercializados com o exterior pelas empresas da Região Metropolitana de Campinas aumentaram em abril em relação aos valores do mês de março. A exportação aumentou 7,8% enquanto a importação apresentou um aumento menos significativo, apenas 2,2%. Apesar de apresentarem crescimento, os valores estão abaixo do esperado, apontando para o que pode ser um movimento de desaquecimento do fluxo de comércio da região como exterior.

No acumulado do ano, comparando o primeiro quadrimestre de 2011 com o mesmo período do ano passado, observamos que a exportação apresentou expansão de 16% e a importação 20%. Nos próximos meses poderemos constatar se o comércio exterior esta ou não iniciando um processo de retração.

A diminuição do ritmo de crescimento da exportação aponta para maiores dificuldades que as firmas locais estariam encontrando para ampliarem suas vendas externas e, portanto, para se manterem competitivas nos mercados externos, muitos deles em processo de retração econômica; além disso, a diminuição do ritmo de expansão das importações aponta para certo desaquecimento do consumo no mercado brasileiro, o que leva as firmas locais a diminuírem suas expectativas produtivas futuras e com isso a realizarem ajustes nas quantidades de bens importados.

Na RMC sete municípios apresentaram redução de exportações, na comparação quadrimestral, enquanto cinco municípios apresentaram diminuição nas importações, na mesma base de comparação. Observamos que a cada mês mais municípios estão apresentando este comportamento. Cabe, no entanto, fazer uma menção a diminuição

do comércio exterior dos municípios de Indaiatuba e Sumaré, que ocorreu em grande parte como função do acidente natural no Japão, no mês de março.

Este acidente afetou o fornecimento de peças e componentes provenientes do Japão para a indústria automotiva instalada nestes municípios, com isso a produção, a exportação e a importação foram afetadas. Não é possível precisar quanto o comércio exterior da RMC será afetado nos próximos meses em função deste desastre. A única certeza é que haverá um impacto significativo, como já estamos percebendo com a retração dos valores importados e exportados pelos municípios com forte presença da indústria automotiva, como são Sumaré e Indaiatuba.

Em função destes acontecimentos, as importações com origem no Japão para a RMC caíram 8,5% no primeiro quadrimestre do ano em relação ao primeiro quadrimestre de 2010. Da mesma forma ocorreu diminuição de exportação de bens de consumo duráveis pela RMC, onde se enquadram os automóveis, em 12,5%.

O município de Hortolândia, com forte estrutura industrial ligada aos setores de informática, tecnologia de informação e bens de transporte ferroviário, continua seu movimento de expansão em direção ao mercado externo, consolidando seu posto de terceiro maior exportador da RMC caminhando para se tornar o segundo.

A Espanha se consolida como segundo maior destino das exportações da RMC, suplantando a economia norte-americana, mas ainda muito abaixo da demanda da economia argentina. Enquanto a China amplia sua liderança como país maior fornecedor de bens para a RMC.

¹ Projeto de extensão desenvolvido pelo Professor Adauto R. Ribeiro com os discentes: Bruno Membrive e Nathalia Carneiro.

Tabela 1. Comércio Exterior da RMC - milhões US\$ FOB

RMC	exportação	var (%)*	importação	var (%)*	saldo
janeiro	336,6	-	970,4	-	-633,8
fevereiro	437,2	29,9	868,4	(10,5)	-431,1
março	441,3	0,9	1.023,1	17,8	-581,8
abril	475,8	7,8	1.045,6	2,2	-569,8
jan-abr	1.690,9	16,0	3.907,2	20,0	-2.216,3

Fonte: NUPEX-CEA (dados do MDIC)

(*) Variação em relação ao mês anterior; jan-abr** relação ao mesmo período do ano anterior.

Tabela 2. Exportação - bilhões US\$ FOB

	jan-abr 2010	jan-abr 2011	var (%)
Brasil	54,4	71,4	15,1
SP	15,8	18,2	31,3
RMC	1,46	1,69	16,0

Fonte: Nupex-CEA (dados MDIC)

Gráfico 1. Evolução das Exportações - bi US\$ FOB

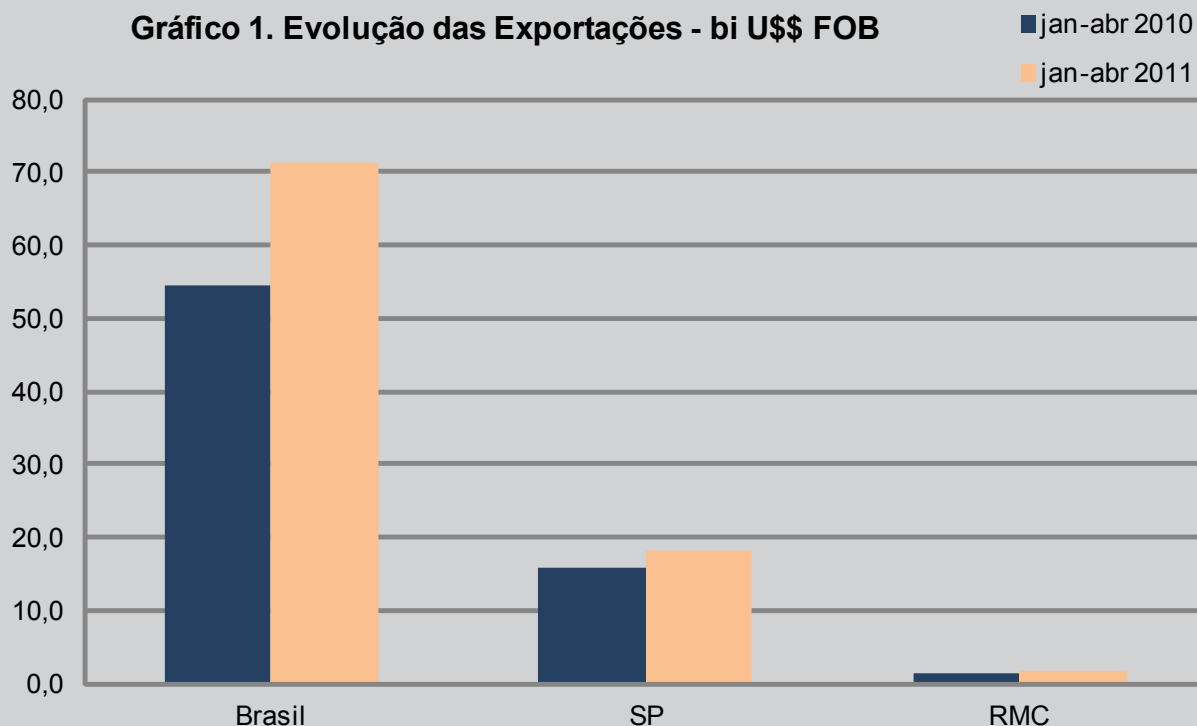


Tabela 3. Exportação e Importação - Abril - RMC (milhões US\$ FOB)

Exportação				Importação			
Município	abr/10	abr/11	var (%)*	Município	abr/10	abr/11	var (%)*
Americana	25,2	29,8	18,3	Americana	44,7	73,2	63,7
Artur Nogueira	0,6	0,9	50,6	Artur Nogueira	0,9	0,2	(82,9)
Campinas	78,0	72,7	(6,7)	Campinas	213,8	299,4	40,0
Cosmópolis	3,7	6,6	77,3	Cosmópolis	3,0	1,5	51,6
Eng. Coelho	0,7	3,9	475,4	Eng. Coelho	0,1	1,4	2100,8
Holambra	1,4	0,7	(51,9)	Holambra	1,1	1,9	80,5
Hortolandia	28,1	59,9	113,2	Hortolandia	109,0	86,6	(20,6)
Indaiatuba	64,2	58,4	(9,1)	Indaiatuba	86,7	74,8	(13,7)
Itatiba	10,1	13,5	34,4	Itatiba	13,0	16,4	26,1
Jaguariuna	29,5	29,5	(0,3)	Jaguariuna	57,0	108,8	90,9
Monte Mor	9,3	19,6	111,4	Monte Mor	16,4	16,5	0,9
Nova Odessa	7,8	10,3	31,1	Nova Odessa	5,5	7,7	40,4
Paulinia	48,1	63,1	31,0	Paulinia	124,0	102,7	(17,2)
Pedreira	1,3	2,4	84,0	Pedreira	0,8	0,7	(20,2)
Santa Barbara	1,7	3,9	123,5	Santa Barbara	7,6	12,0	57,9
Santo Antonio	0,1	0,0	(49,9)	Santo Antonio	2,0	2,4	20,1
Sumaré	51,5	59,0	14,5	Sumaré	115,0	160,0	39,2
Valinhos	11,7	11,4	(2,5)	Valinhos	17,4	17,4	0,2
Vinhedo	21,9	30,2	38,2	Vinhedo	54,0	62,0	14,9
RMC	394,9	475,8	20,5	RMC	871,8	1.045,6	19,9

Fonte: NUPEX-CEA (dados do MDIC)

(*) Variação em relação ao mesmo mês do ano anterior

Tabela 4. Exportação e Importação por município - RMC - milhões US\$ FOB

Exportação				Importação			
Municípios	jan-abr 2010	jan-abr 2011	var (%)*	Municípios	jan-abr 2010	jan-abr 2011	var (%)*
Americana	103,8	103,5	(0,4)	Americana	161,7	220,0	36,1
Artur Nogueira	1,4	2,6	87,9	Artur Nogueira	3,2	1,4	(56,8)
Campinas	304,3	292,9	(3,7)	Campinas	751,6	1.111,0	47,8
Cosmópolis	14,4	18,7	29,4	Cosmópolis	16,9	9,2	(45,3)
Eng. Coelho	8,5	7,5	(11,9)	Eng. Coelho	0,4	2,8	608,0
Holambra	2,8	1,8	(34,0)	Holambra	6,1	9,2	50,5
Hortolandia	55,2	206,7	274,4	Hortolandia	426,7	408,3	(4,3)
Indaiatuba	237,1	190,0	(19,8)	Indaiatuba	333,4	304,8	(8,6)
Itatiba	30,6	41,7	36,5	Itatiba	51,7	58,8	13,9
Jaguariuna	112,9	124,3	10,1	Jaguariuna	203,9	361,1	77,1
Monte Mor	37,4	56,0	49,5	Monte Mor	65,2	71,0	8,9
Nova Odessa	28,0	37,4	33,5	Nova Odessa	22,3	31,3	40,7
Paulinia	185,7	237,5	27,9	Paulinia	381,6	408,9	7,2
Pedreira	5,5	7,4	34,3	Pedreira	3,5	5,3	48,8
Santa Barbara	6,1	12,5	102,8	Santa Barbara	27,4	51,5	87,5
Santo Antonio	0,5	0,1	(79,0)	Santo Antonio	6,1	7,8	27,9
Sumaré	201,4	198,0	(1,7)	Sumaré	551,9	531,5	(3,7)
Valinhos	40,7	46,0	12,9	Valinhos	56,0	86,5	54,4
Vinhedo	81,0	106,4	31,4	Vinhedo	186,3	226,7	21,7
RMC	1.457,5	1.690,9	16,0	RMC	3.256,0	3.907,2	20,0

Fonte: NUPEX-CEA (dados MDIC)

(*) Variação em relação ao mesmo período do ano anterior

Bens exportados	jan-abr/10	part (%)*	jan-abr/11	part (%)*	var (%)**
BENS DE CAPITAL	392,9	27,0	509,9	30,2	29,8
BENS INTERMEDIARIOS	750,9	51,5	853,6	50,5	13,7
BENS DE CONSUMO	289,7	19,9	280,1	16,6	(3,3)
DURAVEIS	180,5	12,4	157,8	9,3	(12,5)
NAO DURAVEIS	109,3	7,5	122,3	7,2	11,9
COMBUST. E LUBRIFICANTES	0,9	0,1	2,2	0,1	130,3
DEMAIS OPERACOES	23,0	1,6	45,1	2,7	95,9
TOTAL RMC	1.457,5	100,0	1.690,9	100,0	16,0

Bens importados	jan-abr/10	part (%)*	jan-abr/11	part (%)*	var (%)**
BENS DE CAPITAL	1.372,0	42,1	1.854,0	47,5	35,1
BENS INTERMEDIARIOS	1.563,7	48,0	1.715,4	43,9	9,7
BENS DE CONSUMO	313,7	9,6	329,0	8,4	4,9
DURAVEIS	137,4	4,2	136,6	3,5	(0,6)
NAO DURAVEIS	176,3	5,4	192,5	4,9	9,2
COMBUST. E LUBRIFICANTES	6,6	0,2	8,8	0,2	32,3
TOTAL RMC	3.256,0	100,0	3.907,2	100,0	20,0

Fonte: NUPEX-CEA (dados MDIC)

(*) participação % em relação ao total; (**) variação % em relação ao período anterior

Tabela 6. Principais destinos da exportação da RMC - milhões US\$ FOB

Principais destinos	jan-abr 2010	part (%)*	jan-abr2011	part (%)*	var (%)**
ARGENTINA	506,5	43,6	519,6	37,7	2,6
ESPAÑA	24,9	2,1	169,7	12,3	582,4
ESTADOS UNIDOS	133,2	11,5	152,7	11,1	14,7
CHILE	115,6	9,9	96,2	7,0	(16,7)
ALEMANHA	76,2	6,6	78,6	5,7	3,2
MÉXICO	68,8	5,9	67,8	4,9	(1,4)
VENEZUELA	38,3	3,3	60,2	4,4	57,1
COLÔMBIA	48,6	4,2	58,3	4,2	20,1
PERU	28,3	2,4	36,2	2,6	28,2
PARAGUAI	26,6	2,3	31,5	2,3	18,2
BOLÍVIA	24,3	2,1	28,2	2,0	15,7
BÉLGICA	26,5	2,3	23,5	1,7	(11,2)
URUGUAI	21,5	1,9	20,9	1,5	(2,8)
ITÁLIA	10,4	0,9	17,4	1,3	67,7
FRANÇA	12,0	1	16,2	1,2	35,6
RMC TOTAL	1.161,5	100	1.377,0	100	18,6

Fonte: NUPEX-CEA (dados do MDIC)

(*) participação % em relação ao total; (**) variação % em relação ao período anterior.

Tabela 7. Principais países de origem da importação da RMC - milhões US\$ FOB

Principais países	jan-abr 2010	part (%)*	jan-abr2011	part (%)*	var (%)**
CHINA	479,1	19,2	744,8	24,8	55,5
ESTADOS UNIDOS	457,8	18,3	558,1	18,6	21,9
JAPAO	467,4	18,7	427,9	14,3	(8,5)
ALEMANHA	246,1	9,9	293,8	9,8	19,4
COREIA DO SUL	186,0	7,5	288,0	9,6	54,8
MEXICO	153,9	6,2	165,8	5,5	7,7
FRANCA	88,8	3,6	102,0	3,4	14,9
ITALIA	78,7	3,2	97,1	3,2	23,3
REINO UNIDO	79,4	3,2	94,5	3,1	19,0
TAIWAN (FORMOSA)	95,0	3,8	93,1	3,1	(1,9)
ARGENTINA	81,1	3,2	76,0	2,5	(6,2)
ESPAÑA	82,6	3,3	58,0	1,9	(29,7)
RMC	2.495,9	100,0	2.999,1	100,0	20,2

Fonte: NUPEX-CEA (dados do MDIC)

(*) participação % em relação ao total; (**) variação % em relação ao período anterior.



INDICADORES MACROECONÔMICOS

PROF. FÁBIO EDUARDO IDEAROZZA

Nível de atividade econômica

Em abril de 2011, já descontadas as influências sazonais, a Produção Industrial Brasileira apontou queda de 1,2% frente a março, após acumular ganho de 3,3% nos últimos três meses de crescimento. No confronto com igual mês do ano anterior, o setor também mostrou redução na produção (-1,3%), sendo esta a segunda taxa negativa consecutiva nesse tipo de comparação. Com isso, o índice acumulado para o primeiro quadrimestre do ano ficou positivo em 1,6%, ritmo abaixo do fechamento do primeiro trimestre do ano (2,6%). A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, que esta em trajetória descendente desde outubro do ano passado (11,8%), recuou 1,5 ponto percentual na passagem de março (6,9%) para abril (5,4%) e assinalou o resultado positivo menos intenso desde junho de 2010. Em suma, os dados apontam para um desaquecimento da atividade industrial.

A **Taxa de Desemprego** Apurada Pelo IBGE (PME) para o mês de abril/11 foi estimada em 6,4% para o conjunto das seis regiões metropolitanas, resultado considerado estável em relação a março. Frente a abril do ano passado a taxa diminuiu 0,9 ponto percentual. Segundo o IBGE, essa é a menor taxa para um mês de abril desde a reformulação da pesquisa em 2002. O contingente de desocupados foi estimado em 1,5 milhão de pessoas no agregado das seis regiões investigadas, ficou estável em relação ao mês anterior. Frente a abril de 2010 apresentou queda de 10,1% (menos 173 mil pessoas nessa condição). Já a Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED/DIEESE – mostra que, em abril/2011, o total de desempregados no conjunto das seis regiões onde a pesquisa é realizada foi estimado em 2.450 mil pessoas, praticamente igual ao do mês anterior. Desta forma, a taxa de desemprego total permaneceu em relativa estabilidade, ao passar de 11,2%, em março, para os atuais 11,1%. Segundo suas componentes, esse resultado decorreu de comportamento semelhante da taxa de desemprego aberto (que passou de 8,3% para 8,4%) e da taxa de desemprego oculto (2,8%), que não variou.

O **Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo** – IPCA do mês de abril/2011 apresentou variação de 0,77%, muito próxima da taxa de 0,79% registrada no mês de março. Com o resultado de abril o acumulado do ano fechou em 3,23%, acima da taxa de 2,65% relativa à igual período de 2010 em 0,58 ponto percentual. Considerando os últimos doze meses, o índice situou-se em 6,51% e ficou acima dos 6,30% relativos aos doze meses imediatamente anteriores em 0,21 ponto. Em abril de 2010 a taxa havia ficado em 0,57%. O índice continua

acima da meta fixada pelo BACEN para a taxa de inflação anul para o país

Balanço de Pagamentos

A Balança Comercial brasileira, segundo o Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio, apresentou em abril de 2011 um superávit de US\$1.86 bilhão, valor superior tanto ao registrado em abril de 2010 (US\$ 1.283 milhões), quanto ao registrado em março de 2011 (US\$1.553 bilhão). No mês as exportações alcançaram o valor de US\$20.173 bilhões, representando o melhor resultado em valor desde dezembro/2010 (US\$ 20,918 bilhões). Sobre abril de 2010 (US\$15.161 bilhões), as exportações registraram aumento de 33%, e em relação a março de 2011 (US\$19.286 bilhões), cresceram 4,6%. As importações totalizaram valor de US\$ 18.311 bilhões, o melhor resultado em valor desde setembro/2010 (US\$ 17,746 bilhões). Sobre igual período anterior (US\$13.878 bilhões), as importações registraram crescimento de 31,9%, e sobre março de 2011(US\$17.733 bilhões), aumento de 3,26%.

O **Balanço de Pagamentos** no mês de abril/2011, segundo dados do Banco Central, apresentou superávit de US\$6.811 bilhões, isto representa uma queda de 28,5% em relação ao superávit observado no mês de março/2011 (US\$9.530 bilhões). Quando comparado a igual período do ano passado (US\$3.493 bilhões), o crescimento foi expressivo, ou seja, 95%. A queda do superávit do Balanço de Pagamentos no mês se deve a uma redução de 50,98% no superávit da conta Movimento de Capital, que passou de US\$16.712 bilhões para os atuais US\$8.192 bilhões.

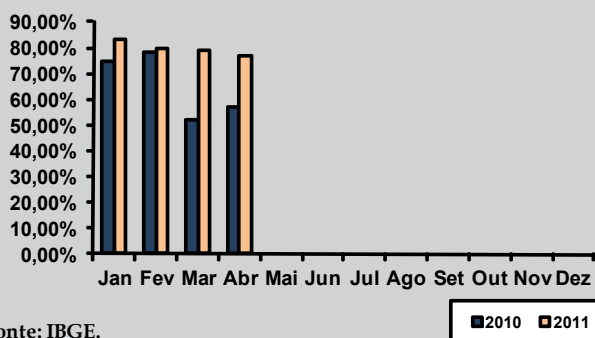
Câmbio

A Taxa Média de Câmbio para o mês de abril/2011 foi de R\$1,586 o que representou uma expressiva valorização da moeda brasileira em 4,6% em relação à taxa média verificada no mês de março, que foi de R\$1,659. Quando a comparação é feita com o mesmo período do ano passado (R\$1,756), percebemos uma valorização na taxa de câmbio em torno de 9,7%. Tal valorização reflete o aumento da taxa de juros na economia brasileira.

A **Taxa de Juros** (Taxa Selic) foi elevada para 12% na última reunião do Copom. É a taxa mais elevada desde junho de 2008, quando estava em 12,25% ao ano. A alta do índice de inflação tem sido o argumento do BACEN para este processo de aumento da taxa de juros

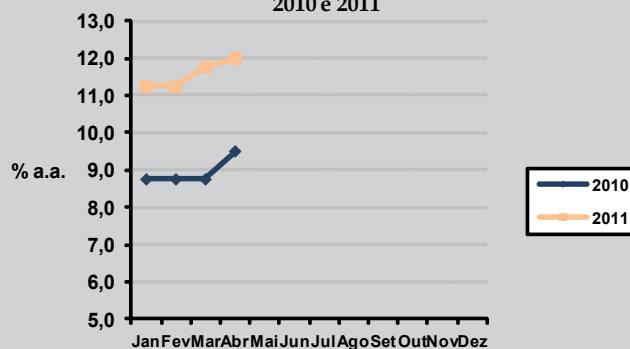
As **Reservas Internacionais** continuam crescendo, fechando o mês de abril/2011 em US\$328.052 bilhões, contra US\$317.146 bilhões no mês de março, variação positiva de 3,44%. Esse valor representa um acréscimo de 32,7%, ou US\$69.830 bilhões, quando comparado com igual período do ano passado (US\$247.316 bilhões).

Gráfico 1. Evolução do IPC-Amplo.
2010 e 2011.



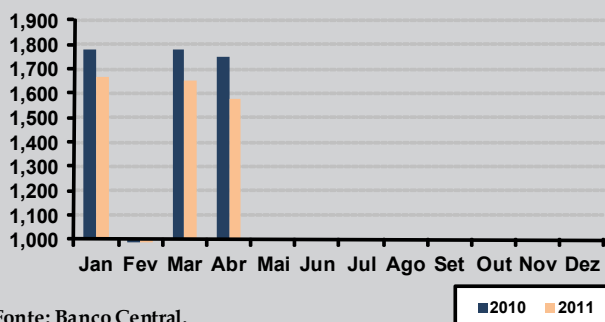
Fonte: IBGE.

Gráfico 2. Evolução da taxa SELIC.
2010 e 2011



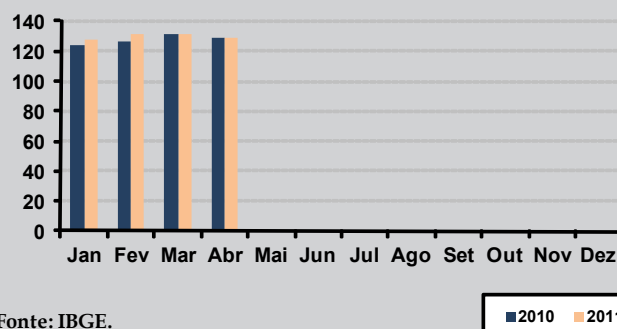
Fonte: Banco Central.

Gráfico 3. Evolução da Taxa de Câmbio
(R\$/US\$ - Média Mensal). 2010 e 2011.



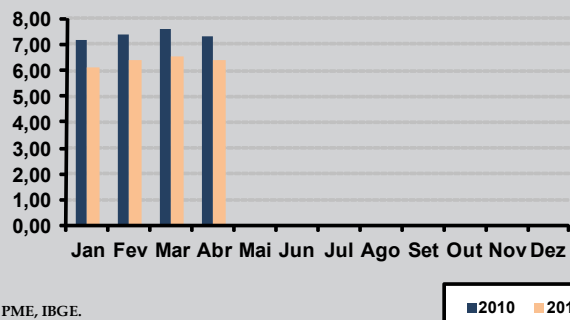
Fonte: Banco Central.

Gráfico 4. Índice de Produção Industrial.
(Base: 2002=100). 2010 e 2011.



Fonte: IBGE.

Gráfico 5. Evolução da Taxa de Desemprego
2010 e 2011.



Fonte: PME, IBGE.

Tabela 1. Balanço de Pagamentos

	abr/11	mar/11	abr/10
Balança Comercial	1.862	1.550	1.283
Balança de Serviços	5.557	7.402	6.195
Trans. Unilaterais	215	204	297
Trans. Correntes	3.480	5.648	4.615
Movimento/Capital	8.192	16.712	8.188
Balanço Pagtos (3)	6.811	9.530	3.493

(1) Fonte: Banco Central; (2) Em Milhões/US\$; (3) Saldo considerando Erros e Omissões.

ARTIGO: PERFIL DA MÃO-DE-OBRA CONTRATADA: UMA REFLEXÃO PARA O DIA DO TRABALHO

PROF^A. ELIANE NAVARRO ROSANDISKI

Em geral, no mês de maio todas as atenções se voltam para o Mercado de Trabalho, devido às comemorações do dia do trabalho. Esta data normalmente é marcada por reflexões quanto aos principais temas que cercam o mundo do trabalho. Pela ordem os temas em geral são nível de emprego, remuneração e formas de contrato de trabalho. Este último tema torna-se muito importante pois diz respeito à existência de contrato de trabalho capaz de regular jornada de trabalho e padrões de remuneração. Muitas das lutas travadas por diversos atores sociais, em especial movimentos operários, em diversos primeiros de maio, foram justamente para estabelecer os limites mínimos que devem constar na regulamentação das relações capital-trabalho. E, se hoje pode-se festejar a conquista do contrato de trabalho, 13o. salário, descanso remunerado e férias deve-se lembrar de todas as lutas travadas ao longo da história com esta finalidade.

No entanto, vale lembrar que embora o tema da regulação das relações de trabalho seja importante, em certas conjunturas, a preocupação maior é defender o emprego e, se possível, o poder de compra dos salários. No Brasil, estes dois temas sempre estiveram mais presentes, em especial nos

anos 80 e 90. Até mesmo porque, praticamente junto com o processo de industrialização e urbanização se consolidaram as Leis Trabalhistas e a primeira grande crise da economia brasileira nos anos 80, coloca em risco o poder de compra dos salários, devido ao processo inflacionário. Logo, no Brasil, não há uma tradição de discussão da regulamentação, mas sim do emprego.

Hoje, nesta primeira década dos anos 2000, pela primeira vez o tema da geração de emprego e padrão de remuneração deixam de ser as bandeiras mais levantadas nas comemorações do primeiro de maio. Há de fato uma preocupação com geração de emprego, mas observa-se cada vez mais uma preocupação com o tipo de emprego/posto de trabalho que está sendo gerado.

Estudiosos do mundo do trabalho vem chamando atenção para importantes mudanças nos quesitos de seleção para o ingresso no mundo do trabalho. Muitas dessas mudanças são justificadas e associadas à incorporação de novas tecnologias de produção e de informação. De fato, há três anos o Boletim Econômico da PUC-Campinas vem mostrando que as empresas situadas na RMC estão selecionando trabalhadores com idade de 18 a 24 anos e, de preferência, com ensino médio completo.

Tabela 1 Características do Saldo de emprego gerado na RMC por Faixa Etária

	Saldo do Emprego				Salários Médios dos Admitidos			
	2010	2009	2008	2007	2010	2009	2008	2007
Até 24 anos	37.202	23.796	29.901	33.022	R\$ 790	R\$ 719	R\$ 681	R\$ 633
De 25 a 39 anos	13.328	330	3.489	12.110	R\$ 1.064	R\$ 961	R\$ 934	R\$ 865
De 40 a 64 anos	4.221	-5.575	-1.330	1.385	R\$ 1.129	R\$ 1.080	R\$ 1.021	R\$ 961
Mais de 65 anos	-539	-671	-505	-426	R\$ 1.205	R\$ 1.271	R\$ 1.006	R\$ 953
Total na RMC	54.212	17.880	31.555	46.091	R\$ 968	R\$ 887	R\$ 845	R\$ 784

Fonte: Caged, MTE, 2010.

Tabela 2: Características do Saldo de emprego gerado na RMC por Escolaridade

	Saldo do Emprego				Salários Médios dos Admitidos			
	2010	2009	2008	2007	2010	2009	2008	2007
Analfabeto	28	90	150	72	R\$ 741	R\$ 645	R\$ 605	R\$ 583
Fundamental Incompleto	400	-1.427	-1.523	-482	R\$ 774	R\$ 713	R\$ 667	R\$ 626
Fundamental Completo	7.115	-209	-538	5.743	R\$ 791	R\$ 726	R\$ 661	R\$ 617
Ensino Médio	39.498	16.552	27.937	35.910	R\$ 909	R\$ 841	R\$ 792	R\$ 742
Superior	7.171	2.874	5.529	4.848	R\$ 2.256	R\$ 2.050	R\$ 2.138	R\$ 1.970
Total na RMC	54.212	17.880	31.555	46.091	R\$ 968	R\$ 887	R\$ 845	R\$ 784

Fonte: Caged, MTE, 2010.

Porém estes dados corroboram a valorização, por parte das empresas, de uma característica no trabalhador: o domínio de habilidades cognitivas básicas e gerais, obtidas no sistema formal de educação. E, ao contrário do que prevalece no senso comum, a experiência em outras empresas não é um atributo considerado, por isto a preferência por um trabalhador jovem.

A questão central a refletir é qual a relação disso com as novas tecnologias e/ ou novos quesitos de qualificação. Em primeiro lugar é certo que novas habilidades são demandadas, pois os processos de produtivo requerem novas formas de controle e monitoramento. Daí a necessidade da ampliação dos quesitos mínimos de escolaridade formal.

Mas, se as empresas demandam novos quesitos de qualificação, há uma outra questão a ser colocada e está relacionada à formação do empregado: o consenso de que a empregabilidade é de responsabilidade do empregado. Dito em outra forma, o empregado deve investir continuamente em sua qualificação.

Até aqui observa-se que a qualificação é de responsabilidade do empregado e as empresas se apropriam dessa qualificação para ampliar a produtividade. No entanto, mais dois elementos devem ser adicionados ao debate.

Primeiro, é certo que estas novas estruturas produtivas implicam uma ampliação da produtividade e uma mudança a elasticidade produto-emprego. Ou seja, agora é possível com as novas formas de tecnologia e de uso do trabalho, ampliar

a volume de produção sem ampliar na mesma proporção a quantidade de trabalho. Segundo, ampliação de produtividade deveria ser acompanhada por ampliação de salários.

No entanto, os recém contratados não apresentam um salario maior, sob a justificativa de que este profissional é inexperiente.

Colocando então a questão em outros termos, pode-se inferir que sob esta falsa argumentação de necessidade de ampliação dos quesitos de “qualificação” num contexto de estruturas produtivas mais enxutas com menor capacidade das empresa absorverem trabalho, mais jovens escolarizados vem encontrando seu primeiro emprego e as empresas estão reduzindo seus custos com mão-de-obra através das rotatividade em determinados postos de trabalho. Embora esta tese precise ser melhor comprovada, é fato que a rotatividade no Brasil é extremamente elevada.

Cabe então, neste mês de maio refletir sobre o uso do trabalho. Se de fato a qualificação passa a ser um elemento central, a própria questão da jornada de trabalho tem que ser debatida. De que maneira um empregado que trabalha 40 horas na semana, consegue complementar sua formação? A noite? Nos finais de semana? Como tornar isto um processo contínuo?

Responder estas questões é o primeiro passo para refletir sobre as características das práticas de seleção das empresas, que provavelmente não estão, em sua totalidade, comprometida com a necessidade de qualificação.

Conselho Editorial

Adauto Roberto Ribeiro
 Eduardo Leoni
 Cibele Roberta Sugahara
 Ernesto Dimas Paulela
 Francisco Prisco Neto
 Pedro de Miranda Costa
 José Vicente de Souza Filho
 Márcio Roberto P. Tangerino
 Sílvia Regina M. de Campos
 Valdenir da Silva Pontes

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Reitor: Profa. Angela de Mendonça Engelbrecht
 Vice-Reitor: Prof. Eduard Pranic
 Pró-Reitor de Graduação: Prof. Germano Rigacci Júnior
 Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Profa. Vera Engler Cury
 Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários: Profa. Vera Engler Cury
 Pró-Reitor de Administração: Prof. Ricardo Panain

Núcleo de Pesquisa e Extensão do CEA
 Rodovia Dom Pedro I, km 136
 Parque das Universidades - Campinas - SP
 CEP 13086-900

Telefone: (19) 3343-6776
 boletim_economico@puc-campinas.edu.br
 www.puc-campinas.edu.br/imprensa/boletim_economico

Comitê Editorial

Eliane Navarro Rosandiski (Editora Geral)
 Adauto Roberto Ribeiro (Editor Executivo)
 Cândido Ferreira da Silva Filho
 Pedro de Miranda Costa

Centro de Economia e Administração (CEA)

Diretor
 Profa. Sílvia Regina M. de Campos
 Diretor Adjunto
 Prof. José Vicente de Souza Filho
 Diretor da Faculdade de Administração
 Profa. Cibele Roberta Sugahara
 Diretor Adjunto da Faculdade de Administração (Comércio Exterior)
 Prof. Eduardo Leoni
 Diretor Adjunto da Faculdade de Administração (Logística e Serviços)
 Prof. Pedro de Miranda Costa
 Diretor da Faculdade de Economia
 Prof. Adauto Roberto Ribeiro
 Diretor da Faculdade de Ciências Contábeis
 Prof. Eduardo Frare
 Coordenador do Núcleo De Pesquisa e Extensão
 Prof. Cândido Ferreira da Silva Filho

Comitê Editorial

Colaboradores

Prof. Fábio Eduardo Iaderozza (CEA)
 Bruno Membrive
 Nathalia Carneiro

Assessoria e Divulgação:
 Departamento de Comunicação da PUC-Campinas

Projeto Gráfico:
 Nathalia Carneiro